

Religiosidade popular: entre o institucional e o desclericalizado.

Vera Irene JURKEVICS¹

Transitar nesta ‘floresta de símbolos’ que caracteriza a religiosidade popular nos tem levado a enveredar por diversos caminhos e muitas trilhas, já que, o universo religioso forma, como diria GRUZINSKI (1990), uma rede densa de práticas e saberes, nem sempre coerentes ou consistentes, nos quais se inscreve e se desenvolve o cotidiano.

Na busca de um entendimento deste cenário multifacetado se entrelaçam duas esferas deste cosmo: uma institucional e outra desclericalizada, além de duas dimensões temporais, o tempo curto, do cotidiano, e o da longa duração das representações coletivas que se modelam e remodelam, vagarosamente, ao sabor do tempo.

Assim, as manifestações de devoção e de religiosidade popular têm se delineado como uma riquíssima construção cultural, em que se materializam, de forma sutil, freqüentes clivagens do simbólico e das representações do sagrado.

Essas clivagens, que Mikhail BAKHTIN (1993) chama de circularidade cultural, se instaurou entre a cultura eclesial, por si só, já polissêmica, e a dos leigos, mas não de forma linear. Antes, em determinados momentos, apresentam movimentos de tensão, de conflito e, às vezes, até mesmo de enfrentamento, enquanto em outros, ocorre uma aproximação entre elas, que pode resultar em conciliação ou em cooptação, evidenciados em vários festejos de santos padroeiros, quando o sagrado e o profano se sucedem de forma bastante natural.

Estas apropriações, de ambos os lados, revelam que a religiosidade não se circunscreve em um sistema fechado, ou ainda que seus rituais sejam cumpridos de igual forma por todos os grupos sociais. Nesse sentido, nos reportamos a Michel VOVELLE (1987) quando enfatiza a inexistência de fronteiras fixas ou modelos invariáveis.

Assim, entendemos que as devoções piedosas em torno dos “santos do povo”, como um exemplo concreto de religiosidade popular, emerge como uma construção simbólica deste constante movimento, entre o sagrado e o não consagrado. Isso se justifica, segundo Mircea ELIADE (1996) porque para o homem religioso, nem o espaço, nem mesmo o tempo, se revelam como fenômenos homogêneos ou contínuos, por isso, o culto piedoso, as festas devocionais, as peregrinações, entre outras manifestações, propicia a recriação de práticas antigas, muitas vezes associadas com elementos novos e pessoais, sobretudo nas relações de reciprocidade, com destaque para o pagamento de promessas, a oferta de flores, velas ou ex-votos.

No entanto, as tradicionais ortodoxias defendidas pela Igreja Católica, na tentativa de manter sua hegemonia e controle sobre todas as práticas religiosas de seus adeptos, a impedem de reconhecer muitas das experiências místicas das pessoas comuns que, independente das diretrizes oficiais, buscam o encontro do divino ou transcendente, num puro sentimento de comunhão.

Estas manifestações diretas e imediatas com o sagrado, dispensando ou reduzindo significativamente as mediações institucionais evidenciam que o divino continua ocupando espaços que o homem secularizado, não conseguiu preencher, contrariando as premissas do pensamento cientificista de que a fê seria vencida pela razão.

Num verdadeiro leque de atitudes espontâneas ou populares, se encontram muitos exemplos de devoção popular preteridas do discurso oficial. São expressões de religiosidade não institucionalizadas, nem teologizadas, mas privilegiadas por um grande número de crentes. Enfatizamos, por outro lado, o crescente interesse demonstrado por historiadores e outros especialistas que, identificando-as como religiosidade popular, dilatam suas análises e ultrapassam o entendimento que a Igreja Católica tem acerca deste fenômeno.

Para o discurso institucional, a religiosidade popular pouco mais é do que a materialização de alguns ritos consagrados. Para os especialistas, as múltiplas manifestações de fervor religioso, são a prova de que o prenúncio dos funerais de Deus e do réquiem à religião não se concretizaram, conforme previam os cientificistas. Ao contrário, novas manifestações de crenças e de vivência

¹ Doutora em História Religiosa pela UFPR.

religiosa estão colorindo o cenário religioso, descortinando, outras formas, algumas das quais surpreendentes, sem deixar de expressar sacralidade, visto não serem construídas a partir de uma visão secular, como foi trabalhado por Rudolf OTTO (1992).

O sagrado, Deus e todos os santos, os oficiais e os oficiosos, manifestam-se de modo imediato no mundo e na história humana. Por isso, a religiosidade popular constituiu-se tanto para as pessoas comuns como para os acadêmicos, em um fenômeno emocional, em que o homem tem a vivência profunda de seus aspectos não-rationais como um mistério profundo e fascinante.

Nestas condições, a religiosidade popular é mística pois valoriza o significativo em relação ao contexto sócio-cultural, abstraindo, muitas vezes o oficial, os serviços especializados e a sistematização dos conteúdos de fé.

Enquanto os ritos institucionais são propostos pela hierarquia, a religiosidade popular expressa convicções pessoais que oferecem mais segurança para as incertezas da vida uma vez que incluem a visão do homem sobre si mesmo e o seu mundo concreto.

Na religiosidade popular, cada sujeito social manifesta, com maior autonomia e espontaneidade seus sentimentos, sua fala, seus medos, suas necessidades. Por meio de promessas, um sistema de troca com a santidade, o fiel sente que a salvação é possível e, sobretudo, é capaz de trazer os benefícios necessários para a sua vida, numa relação funcional com a santidade, nos momentos de maiores dificuldades materiais ou emocionais. Neles, a comunicação com o sagrado se intensifica na busca de graças e milagres que caracterizam em grande parte o caráter utilitário da religiosidade popular e a relevante importância ocupada pelas constelações devocionais, onde as santidades transcendem o abstrato para encarnar-se na imagem daquele que representa. Assim, o devoto não precisa da autoridade eclesiástica para cultivar seu santo de devoção. Ele o elege e se sente eleito por ele e, com ele, realiza uma sacralização simbólica da vida cotidiana.

A espinha dorsal da religiosidade popular, conforme nosso entendimento é a somatória dessas características, emocional e mística e está presente em todas as expressões do catolicismo e, em todos os graus da consciência humana, pois do ponto de vista individual, o encontro com o sagrado é fonte de coragem e energia, sobretudo por um sentido de se estar integrado à grande ordem cósmica presente na natureza e na história.

Bibliografia Consultada

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo/Brasília; Hucitec/Edunb, 1993.

ELIADE, M. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GRUZINSKI, S. *La colonización de lo imaginario*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

OTTO, R. *O Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.

VOVELLE, M. *Imagens e imaginário: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997.